

Entre precisão e rigor: a lupa de Luiz Cristiano de Andrade sobre a *História do Brasil* (1630) de Frei Vicente do Salvador

Between Precision and Accuracy: the magnifying glass of Luiz Cristiano de Andrade on *História do Brasil* (1630) by Frei Vicente do Salvador

ANDRADE, Luiz Cristiano de. *A Narrativa da Vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador*. Rio de Janeiro: FBN, 2014. 281p.

Eduardo Sinkevisque

esinkevisque@hotmail.com

Doutor pesquisador

PNAP-R - Fundação Biblioteca Nacional

Av. Rio Branco, 219 - Centro

20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Brasil

Palavras-chave

Historiografia; Ars historica; Catolicismo.

Keywords

Historiography; Ars histórica; Catholicism.

267

Recebido em: 8/4/2015

Aprovado em: 29/5/2015

A Narrativa da Vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador (2014, 288p.), de Luiz Cristiano de Andrade, com apresentação de Marcus Venício T. Ribeiro, é daqueles livros em que os termos precisão e rigor podem ser aplicados. Fruto de uma dissertação de mestrado sob orientação de Andréa Daher (UFRJ/PPGHIS), defendida em 2004, o livro de Luiz Cristiano de Andrade analisa a *História do Brasil* (1630), de Frei Vicente do Salvador, tendo em vista não apenas as interpretações oitocentistas/novecentistas documentalista/positivista, mas principalmente o texto como gênero em sua forma e função. Como discurso demonstrativo-deliberativo, didático de estilo médio ou temperado.

No século XVII, história é, como dicionariza Rafael Bluteau, palavra derivada do grego *eido* ('vejo', que, no passado quer dizer 'sei'). "História é narração de cousas memoráveis, que tem acontecido em algum lugar, em certo tempo, & com certas pessoas, ou nações" (BLUTEAU 1712). Narrativa histórica, no século XVII, é subgênero do epidítico (ou demonstrativo) alto, com elementos do judiciário, que ajuizam o passado e do deliberativo, que aconselham os fazeres futuros contingentes.

Os meios palacianos e eclesiásticos, por onde a prosa de frei Vicente circulou, implicam a constituição de interlocutores para quem o sentido da história é providencial. Na base do discurso do frei, tem-se as coisas (*res*) presentes por meio do exemplo das passadas. Isso supõe metafísica teológico-político-retórica. Na metafísica de que frei Vicente participa, Deus é o fundamento transcendente do poder do Estado. A história participa da identidade absoluta indeterminada de Deus, cujo sentido providencial revela Sua vontade em coisas, homens e eventos. Experiência que revela o ditado transcendente no pacto de sujeição e alienação da comunidade aos "dois corpos do Rei", o corpo terreno e o transcendente (KANTOROWICZ 1998).

Os procedimentos de leitura propostos pelo autor possibilitam reconstruir o funcionamento do gênero histórico. Luiz Cristiano de Andrade empenha-se justamente com precisão e rigor na empreitada de, arqueologicamente, reconstruir o funcionamento do texto. Ao investir na leitura e enfrentar a narrativa seiscentista de frei Vicente do Salvador, Luiz Cristiano nos oferece a primeira legibilidade normativa da *História do Brasil* (1630). Isto é, o trabalho mostra os modelos retóricos, teológico-políticos da história; trata da política católica portuguesa do século XVII, da "neo-escolástica", do "aristotelismo-tomista", da sociedade de corte. Aspectos de suma importância para esse estudo, agora publicado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Luiz Cristiano sabe e demonstra que, para o gênero histórico, a analogia é utilizada para permitir o encontro do humano com o divino na história. Analogia tem sentido tomista de participação que as criaturas têm em Deus enquanto Seus efeitos. Ela é estabelecida, escolasticamente, na relação entre o natural e o divino, e utilizada no discurso como base para o "ornato", entre conceitos engenhosos e os sinais divinos no mundo, entre as figuras da técnica discursiva (colhida principalmente em Aristóteles) e as da providência. Esse é o tipo de prova da historiografia estudada. As provas são análogos de Deus que, em

sentido tomista, levam à “verdade”. A “verdade” proposta por meio da narrativa da *História do Brasil* (1630) é forjada por tópicos teológico-político-retóricas providenciais, associadas à relação paternal de Deus para com o povo. Vontade de Deus associada à providência, como eleição. Razão para o livro se chamar *A narrativa da vontade de Deus*.

A obra de frei Vicente do Salvador fora encomendada por Manuel Severim de Faria, chantre da Sé de Évora, e permaneceu inédita até 1888 quando Capistrano de Abreu a editou, primeiro nos *Anais da Biblioteca Nacional* (vol. 13), segundo em uma edição crítica (1918). A *História do Brasil* (1630) tem como principais matérias, dispostas em cinco livros, descrição das gentes, árvores, animais e os modos como fora governado o Estado do Brasil e por quais governantes até 1627. Para além da descrição da terra, frei Vicente se ocupa das capitânicas hereditárias, e de narrar as ações, sempre gloriosas, de seus governantes. Destaca-se, entre as matérias da *História do Brasil* (1630), a narrativa das ocupações holandesas no Estado do Brasil e sua interpretação providencial construtora do herege invasor.

Para frei Vicente do Salvador, como para letrados luso-brasileiros do século XVII, a guerra com holandeses foi gerada por meio do pecado. Como castigo ao pecado, o império português, ao menos parte dele, é ameaçado, invadido, ocupado, saqueado.

O livro de Luiz Cristiano de Andrade divide-se em três capítulos acrescidos de Introdução, Conclusão, ilustrações, Bibliografia (atualizada) e Anexo. O Anexo seleciona documentação relativa à edição da *História do Brasil* (1630) nos *Anais da Biblioteca Nacional*.

269

O primeiro capítulo ocupa-se da fortuna crítica do texto, com destaque para a leitura de Capistrano de Abreu. Ou seja, expõe e desconstrói a visão nacionalista que atribui a frei Vicente do Salvador o lugar de primeiro historiador brasileiro, autor de um texto que é documento da nacionalidade. Nos dizeres de Luiz Cristiano de Andrade:

[...] do mesmo modo, no Brasil, o funcionamento específico da historiografia oitocentista resultaria em uma leitura anacrônica dos papéis coloniais, entendida ao longo do século XX. Essa leitura, ainda hoje [é] professada frequentemente [...]. O tratamento conferido pelo historiador cearense à *História do Brasil* foi considerado exemplar e inquestionável pelos especialistas que o sucederam [...] (ANDRADE 2014, p. 68).

O autor, neste sentido, toma Capistrano como problema historiográfico, “à medida que as noções românticas de nação e documento, aplicadas para compreensão do período colonial brasileiro” foram repetidas incansavelmente. (ANDRADE 2014, p. 68). Com isso Luiz Cristiano, desfaz mitos e anacronismos. Desnaturaliza, assim, a prática letrada que estuda.

O segundo capítulo trata dos preceitos da história, suas leis segundo Manuel Severim de Faria, dos *Discursos Vários Políticos* (1624), como *verdade, clareza e juízo*. O texto de Manuel Severim de Faria funciona para frei Vicente, e no livro de Andrade, como um “metatexto” (um comentário prescritivo) da dedicatória que

frei Vicente faz a chantre da Sé de Évora. *Clareza*, qualidade de estilo, é traço de João de Barros, que frei Vicente emula. *Verdade* e *juízo* são categorias próprias do gênero histórico, em sua longuíssima duração, atualizadas nos textos.

O terceiro capítulo analisa a *História do Brasil*, utilizando decorosamente categorias teológico-político-retóricas de sua invenção tais quais: livre-arbítrio, graça, discórdia, concórdia, dissimulação honesta, bem-comum, guerra justa, prudência, razão de Estado.

Luiz Cristiano de Andrade faz crítica do documento. Não toma a narrativa da história como um dado ou evidência, mas reconstrói sua *forma mentis*. Ocupa-se das principais matérias da história e de sua interpretação segundo sentidos do século XVII. Como espelho de príncipes a história seiscentista, demonstrada por Andrade, atualiza as tópicas, as categorias mencionadas anteriormente, para ensino e deleite.

A dissertação, em livro, ganhou ilustrações do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Pertinentes, as imagens concorrem para historiar o trabalho. São imagens como: retrato de São Francisco de Assis (lembre-se de que frei Vicente do Salvador era franciscano), reprodução da folha de rosto do manuscrito da *História do Brasil* (1630), reprodução de mapas, entre outras.

Se fosse escolher uma lupa para aplicar sobre a *História do Brasil* (1630), escolheria, certamente, a lupa de Luiz Cristiano de Andrade. Ela evidencia um sentido verossímil para a construção, circulação e recepção da história no século XVII luso-brasileiro, em particular a história de frei Vicente do Salvador. Despsicologiza, desmoraliza e desnacionaliza o objeto "colonial".

Assim como para frei Vicente do Salvador escrever história era batalhar, na chave letras e armas, para quem analisa uma das práticas letradas seiscentistas, a história, é necessário ser preciso e rigoroso. Isso o autor de *A Narrativa da Vontade de Deus: A História do Brasil de frei Vicente do Salvador* demonstra ser em sua dissertação agora em livro.

270

Referências bibliográficas

ANDRADE, Luiz Cristiano de. **A Narrativa da Vontade de Deus: a História do Brasil de frei Vicente do Salvador**. Rio de Janeiro: FBN, 2014.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário português e latino (...)**. Colégio das Artes da Companhia de Jesus: Coimbra, 1712. T. 4, p. 39-40.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.